





## **LIVING THE LAND – O VENTO É IMPARÁVEL**

***Sheng xi zhi di***

Um filme de Huo Meng

2025 | China | 2H12 | Drama | M/12

Estreia: 29 de Janeiro de 2026

**Festival de Berlim 2025 – Urso de Prata de Melhor Realização**

**LEFFEST – Lisboa Film Festival 2025 – Descobertas – Menção Honrosa**

***Le Figaro* ★★★★★ *Télérama* ★★★★★ *Libération* ★★★★★ *Positif* ★★★★★**

***Slant Magazine* ★★★★★ *IndieWire* ★★★★★ *Le Point* ★★★★★ *Les Echos* ★★★★★**

***Paris Match* ★★★★★**

Em 1991, enquanto a China atravessa profundas transformações socioeconómicas que levam muitos a abandonar o mundo rural em busca de trabalho nas cidades, Chuang, de 10 anos, terceiro filho, tem de permanecer na aldeia devido aos planos da sua família. Sobre o pano de fundo da modernização, uma família encontra-se dividida entre o peso da tradição e a força do progresso, numa saga íntima, mas vasta, que atravessa quatro gerações, acompanhando os ciclos da vida através da mudança das estações.

**Elenco:** Wang Shang, Zhang Chuwen, Zhang Yanrong, Zhang Caixia

**Argumento:** Huo Meng

**Direcção de Fotografia:** Guo Daming

**Montagem:** Huo Meng

**Produção:** Zhang Fan, Xinran Li, Yi Liu, Miaomiao Zhao, Xi Zhu

**Trailer:** <https://vimeo.com/1152919578>

**Distribuição:** Leopardo Filmes

## Crítica Internacional

“O realizador deixa-nos com os olhos no céu e nas estrelas. A noite chega. É magnífico. Ponto final.”

**Le Figaro** (Eric Neuhoﬀ) ★★★★★

“Um verdadeiro êxito do cinema chinês.”

**The Film Verdict** (Deborah Young)

“Um filme verdadeiramente notável, cuja realização inspirada retrata de forma poderosa o drama político e humano de uma aldeia da China rural.”

**Télérama** (Guillemette Odicino) ★★★★★

“Aplicar as leis do grande estilo e os esplendores de uma fotografia elegíaca aos quotidianos prosaicos de um punhado de anónimos curvados nos campos ou a chapinhar na lama: é este o sentido de um filme assombrado tanto pela história recente de um país fortemente administrado como pela ladainha de biografias esquecidas.”

**Libération** (Didier Péron) ★★★★★

“Uma ode vital à vida quotidiana.”

**IndieWire** (Ritesh Mehta) ★★★★★

“O filme capta o esplendor da natureza, a força dos laços familiares e regista com lucidez uma transição histórica, tratando as suas personagens com um respeito imenso.”

**Le Point** (Florence Colombani) ★★★★★

“O estudo paciente e compassivo que Huo faz destas pessoas revela tacitamente as formas – saudáveis ou não – como continuam a processar a dor de tudo, desde o trabalho árduo à opressão política.”

**Slant Magazine** (Jake Cole) ★★★★★

“Huo Meng filma a violência dos tempos de convulsão com grande delicadeza e uma ternura genuína para com as suas personagens.”

**Les Echos** (Adrien Gombeaud) ★★★★★

“O realizador chinês Huo Meng filma de forma majestosa a crónica do desaparecimento do mundo rural.”

**Paris Match** (Yannick Vely) ★★★★★

“Uma saga familiar chinesa comovente.”

**Variety** (Guy Lodge)

## Contexto Histórico

Durante mais de três mil anos, até à década de 1980, a China tinha um sistema social baseado na agricultura, no qual os agricultores chineses criavam a grande maioria da riqueza social. As pessoas estavam enraizadas na terra, e o vestuário, a alimentação, a habitação e os transportes dependiam todos do trabalho, ou, como diz o título do filme, de viver dessa terra. No entanto, devido à baixa produtividade, a desastres naturais incontroláveis e a dificuldades provocadas pelo homem, este sistema trouxe também uma enorme pressão de sobrevivência à vida dos agricultores.

Para sobreviver num ambiente assim, o povo chinês teve de se tornar diligente, resiliente e possuir um profundo sentido de obediência e de resistência. A unidade familiar era essencial, servindo de base para ultrapassar riscos desconhecidos e garantir a estabilidade entre gerações.

Como resultado, nos valores do povo chinês, abdicar da felicidade individual em benefício da nação e da família é frequentemente encarado como uma nobre virtude moral.

Em 1991, as reformas económicas e a revolução tecnológica da China estenderam-se rapidamente às vastas áreas rurais. As máquinas industriais começaram a substituir gradualmente o trabalho manual, e recursos necessários à produção industrial, como o petróleo, começaram a invadir o recurso tradicional que é a terra.

Ao mesmo tempo, a construção industrial urbana exigia uma grande força de trabalho, levando muitos agricultores a migrar para as cidades em busca de oportunidades de sobrevivência. Nestas circunstâncias, as relações tradicionais de parentesco e os sistemas ecológicos rurais que sustentaram a civilização agrícola chinesa durante milhares de anos começaram a desintegrar-se.

## Nota de Intenções

*Living the Land – O Vento é Imparável* explora o impacto profundo deste momento histórico nas tradições, emoções e relações do povo chinês. Como um vento imparável, estas mudanças varreram todos os aspectos da vida. Situado na China rural em 1991, o enredo e as emoções do filme estão enraizados em séculos de história, cultura e tradição, ao mesmo tempo que reflectem a mentalidade da sociedade chinesa contemporânea.

Quis retratar como, quando políticas sociais colectivistas colidiram com tradições moldadas ao longo de milénios, as pessoas foram forçadas a adaptar-se de formas que desafiaram o seu próprio modo de vida. Senti também ser importante mostrar as enormes pressões que as mulheres enfrentaram – tanto sociais como físicas – e que deixaram danos duradouros e muitas vezes irreversíveis. Estes temas são vastos, mas reflectem-se nas histórias pessoais desta única família.

O meu director de fotografia, Guo Daming, e eu considerámos que a linguagem cinematográfica desempenhava um papel muito importante. Queríamos que o filme tivesse uma sensação contemporânea – não puramente naturalista nem confinada ao realismo. A forma de incorporar a minha perspectiva e atitude, ao mesmo tempo que se apoiava a narrativa e se criava atmosfera, foi um tema de discussão contínua durante o processo de filmagens. Planos longos, movimentos de câmara e a composição de quadros complexos ajudaram-nos a alcançar esse objectivo.

A colaboração com o compositor Wan Jianguo e com o montador de som Li Tao para construir um desenho sonoro rico e estratificado foi também fundamental para moldar a textura do filme.

Filmámos o filme ao longo de um ano, seguindo as estações naturais para evidenciar a auto-suficiência da vida rural tradicional e a sua profunda ligação cíclica à natureza. Ao longo do filme, o público testemunha como as pessoas cultivam o seu próprio alimento, constroem casas a partir da terra e cosem colchas e roupas com o algodão que produzem. Embora estes elementos sejam simples de descrever por escrito, trazê-los à vida no ecrã exigiu um planeamento e uma execução meticulosos.

Filmar ao longo das quatro estações e tecer uma narrativa que atravessa quatro gerações permitiu-nos construir um mundo vasto e imersivo, onde os temas da vida, da existência e da passagem do tempo se puderam desenrolar, deixando ainda espaço para a interpretação.

Acima de tudo, estou profundamente grato ao elenco que deu vida a este filme. Muitos deles lidam com enormes pressões no seu quotidiano, o que pode criar uma impressão exterior de indiferença ou contenção emocional. No entanto, durante as filmagens, cada intérprete deu ao seu papel às suas próprias experiências vividas, fundindo-se de forma orgânica com as personagens. As suas interpretações revelam não apenas retratos ficcionais, mas paisagens emocionais profundamente pessoais e complexas, camadas de sentimento que de outra forma poderiam permanecer ocultas. Isto reafirmou para mim que, por mais dura que possa ser a vida sob um sistema inflexível, cada indivíduo transporta uma necessidade íntima de arte e de expressão.

Recordarei sempre Zhang Caixia, que interpretou a Avó Guilan, a dizer-me no final das filmagens: “Obrigada, Meng. Quero viver a minha própria vida a partir de agora.”

**Huo Meng**









## **Biografia do realizador**

Nascido em Taikang, na província chinesa de Henan, em 1984, Huo Meng começou por estudar direito na Communication University of China, antes de prosseguir com um mestrado em cinema na mesma instituição. A sua curta-metragem *Hongguang's Holidays* (2008) venceu o prémio de Melhor Curta-Metragem de Estudante no Festival de Cinema da Universidade de Pequim, e a sua primeira longa-metragem, *Crossing the Border – Zhaoguan* (2018), arrecadou vários prémios internacionais, sendo exibida no Festival de Berlim de 2020, no programa especial *On Transmission*, no qual realizadores consagrados (neste caso, Jia Zhang-ke) apresentaram o trabalho de talentos emergentes. Regressou à Berlinale em 2025 com a longa-metragem *Living the Land – O Vento É Imparável*, arrecadando o Urso de Prata para Melhor Realização. Em Portugal, o filme foi estreado no LEFFEST – Lisboa Film Festival, na secção Descobertas, onde mereceu uma menção honrosa.

## **CONTACTOS**

### **Distribuição Leopardo Filmes**

Manuela Mina

[manuelam@leopardofilmes.com](mailto:manuelam@leopardofilmes.com)

**+ 351 213 255 822**

### **Imprensa Leopardo Filmes**

Flávio Gonçalves

Nuno Gaio Silva

[press@leopardofilmes.com](mailto:press@leopardofilmes.com)

**+ 351 213 255 810**

[www.leopardofilmes.com](http://www.leopardofilmes.com)

Leopardo Filmes

Travessa das Pedras Negras, 1 – 5º andar

1100-404 Lisboa Portugal